

Nem aula, tampouco teatro... Mas, outra coisa.

Texto por Talita Alcalá Vinagre*

Fotos por Syntia Alves**

Nas aulas-teatro, não são os corpos que se movem, mas são os movimentos que pedem passagem no corpo. Movimentos que, trabalhados, compõem modos de experimentar e “mexer” com a vida numa contínua afirmação do presente. Espaço que dá vazão às intensidades do sensível e do inteligível. A cada nova aula, um percurso inventado.

As aulas-teatros são também meios de afirmar que os embates políticos se dão diretamente no corpo. Nem aula, tampouco teatro; o Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária da PUC-SP) vem propondo outro modo de problematizar a vida e o pensamento.

Realizadas no teatro de arena (TUCARENA) da PUC-SP desde 2007, escapam ao modelo da aula, do seminário, da relação professor-aluno. Também não pretendem desenvolver-se como uma linguagem teatral separada do que se vive e se pensa na Universidade. As pessoas que fazem a aula-teatro não são artistas profissionais e não têm a intenção de interpretar papéis como na tradição teatral.

Na linha de Michel Foucault, pode-se dizer que as aulas-teatro afirmam uma espécie de *contralocal*, onde todos os outros locais que podem ser achados

* Mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, integrante do NEAMP (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da PUC-SP) e bailarina convidada das aulas-teatro do Nu-sol.

** Doutora em Ciências Sociais, integrante do NEAMP e fotógrafa.

dentro da cultura são contestados e invertidos. Um espaço real que contesta a sociedade, que opera outro funcionamento, numa ruptura com o que se torna tradicional no espaço-tempo do corpo e do pensamento, atraindo-nos para *fora de nós mesmos*.

Não se deixa codificar em aula, tampouco teatro, e não se pretendem projetos de nada. Não são realizadas para conscientizar o público, tampouco confortá-lo. Espaço onde o corpo pode ser dançante, experimentar o movimento, o pensamento do corpo.

Para falar de determinado tema, jogam com uma qualidade, um estado de presença, uma ação real. A representação é assim diminuída por meio de uma operação capaz de suprimir o lado espetacular do teatro ao aproximar-se da vida, impregnando a ação de inquietude. Mínguem tanto a narrativa quanto qualquer significado emocional das cenas.

Por não intentar seguir um programa estético, são produzidas nas práticas diárias do Nu-Sol na Universidade. Uma série de ensaios é realizada pelos pesquisadores do núcleo antes de cada apresentação. Estes se envolvem desde a pesquisa, divulgação, iluminação, sonoplastia e bilheteria. Numa atenção que faz realmente entrever uma não separação entre trabalho e vida.

Mesmo o que se chama de público não se encaixa nas aulas-teatro como tal, pois aquilo que ali acontece demanda o abandono de uma atividade meramente contemplativa e “armada” – característica do chamado espectador– para que, ao contrário, se acesse outro tipo de presença. Solicita-se estar à espreita de sensações que lhe surjam por meio das paisagens táteis, sonoras, auditivas e visuais produzidas– paisagens que se relacionam com linhas de força ali presentes (físicas, pessoais, sonoras, visuais, de pensamento, organizadas, desorganizadas...). Um procedimento que implica numa experiência do inabitual no corpo e no pensamento. Presenciar o *agora do corpo*, sua realidade carnal, efêmera e múltipla confere às aulas-teatro também um bocado de alegria.

eu, émile henry (2007)



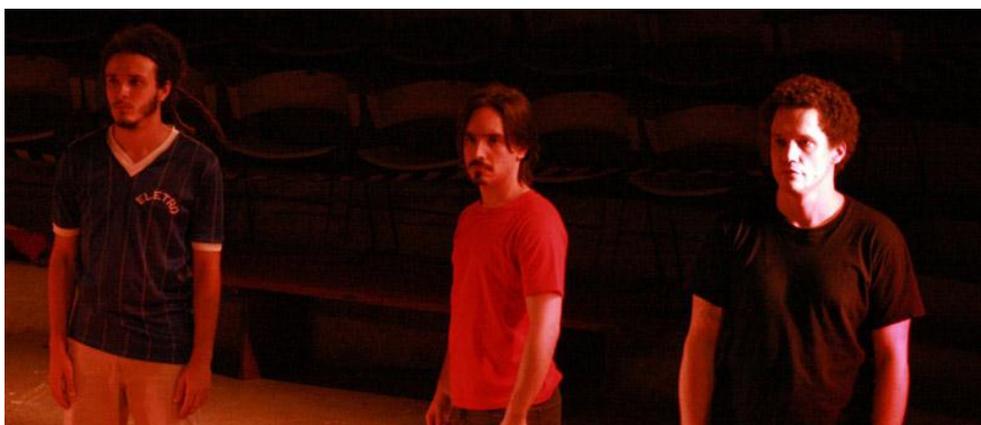


estamos todos presos (2008)

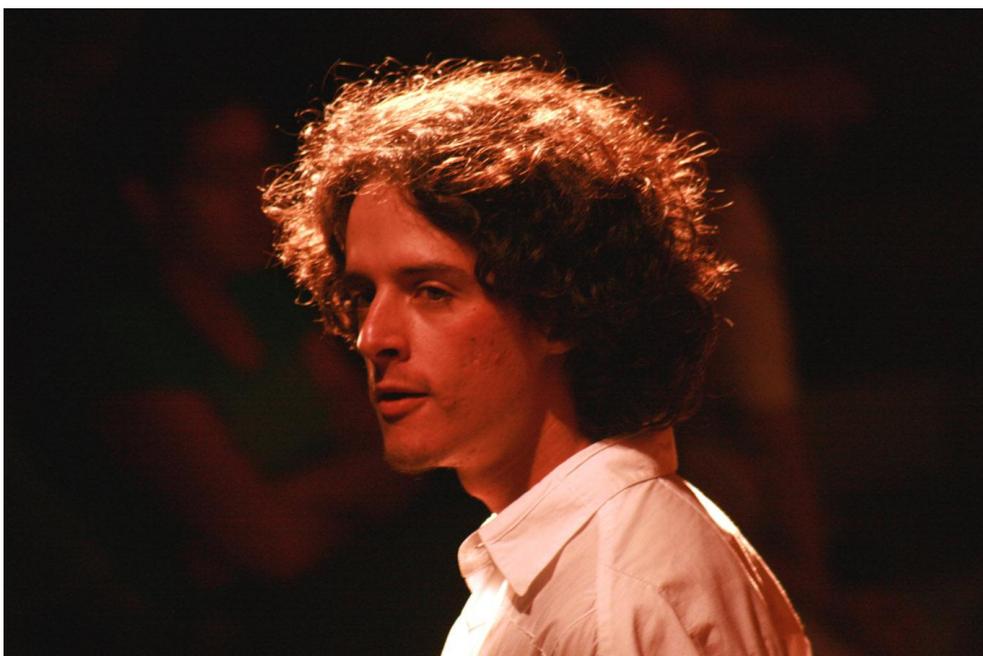














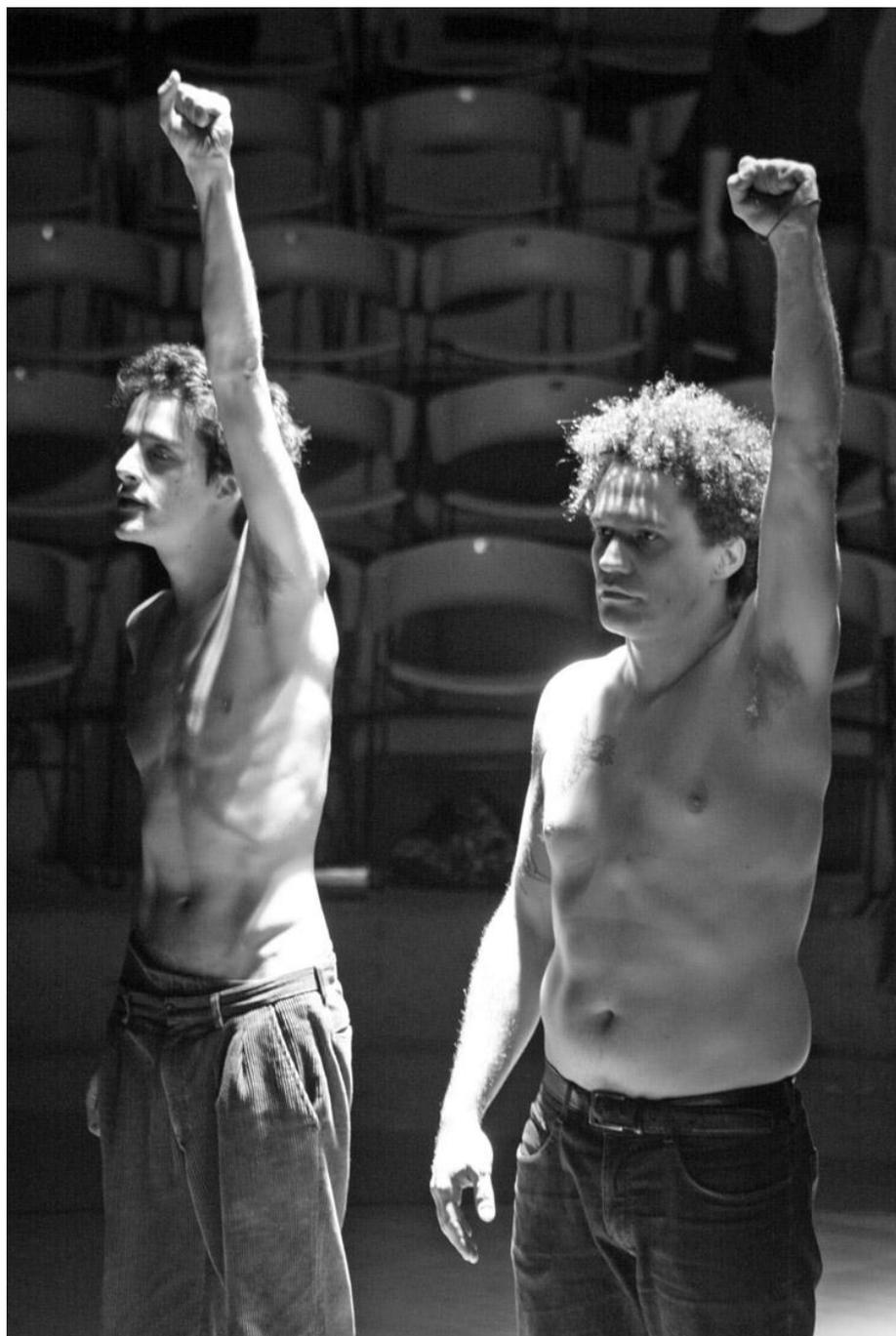


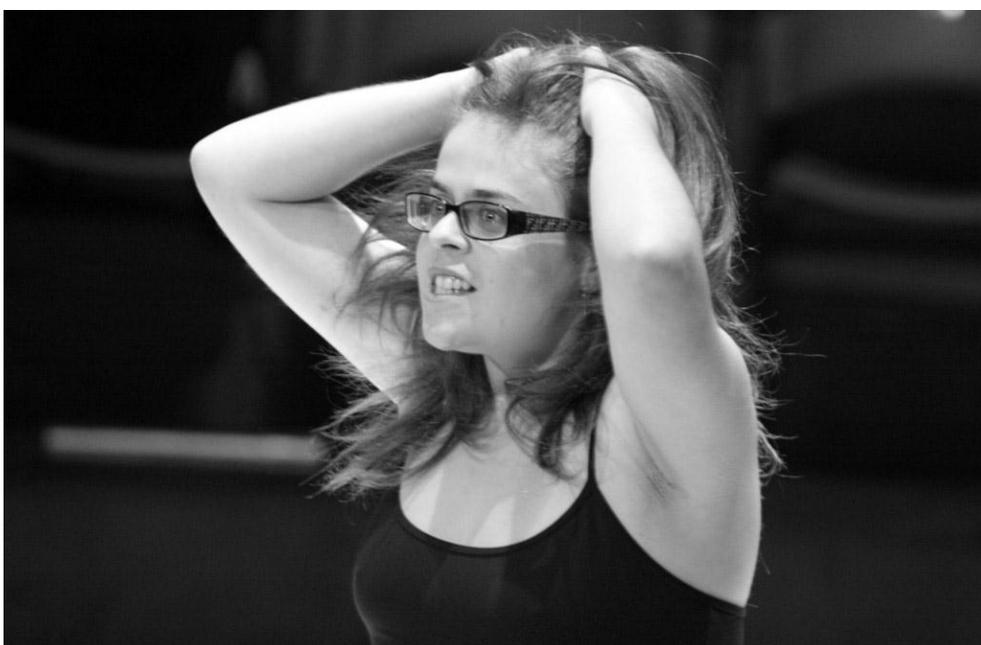


eu, émile henry. Resistências (2011)













loucura (2011)







